

## **Sob a Sombra da Samaúma: Aprendendo a Divulgar a Ciência na Amazônia no Museu Paraense Emílio Goeldi<sup>1</sup>**

Nina DACIER lobato<sup>2</sup>

Universidade Federal do Pará, Belém, PA

### **RESUMO**

Um relato de experiência sobre os processos de aprendizado em um estágio no setor de comunicação do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), com as dificuldades e oportunidades que permeiam o trabalho de difusão do conhecimento científico na Amazônia. Um trabalho de reflexão, através da vivência prática, e como isso nos ajuda nos permite entender com mais profundidade e projetar possibilidades de melhorar o cenário do jornalismo científico para as particularidades do contexto Amazônico.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amazônia; Jornalismo Científico; Relato de Experiência; Difusão da Ciência; Estágio Supervisionado

### **CORPO DO TEXTO**

O presente trabalho tem como objetivo discorrer sobre as experiências durante o período de estágio supervisionado não obrigatório no Setor de Comunicação (SECOS), realizado no Museu Paraense Emílio Goeldi, no período de 08/08/2022 a 28/03/2024. Ao longo do texto, irei abordar como é a vivência em uma assessoria cujo objetivo é divulgar e difundir pesquisas científicas feitas na Amazônia, bem como refletir sobre os desafios e oportunidades nesse campo tão importante da comunicação social, o jornalismo científico. Em um mundo cada vez mais complexo e desafiador, a ciência se torna ainda mais crucial como bússola para a sociedade; os cientistas são vistos como detentores de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, Ciência e Amazônia, evento integrante da programação do 21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 22 a 24 de maio de 2024.

<sup>2</sup> Bacharela em Comunicação Social - Jornalismo pela UFPA, email: [nina.dacier@gmail.com](mailto:nina.dacier@gmail.com)

conhecimento. "Saber é poder" é uma máxima cunhada pelo filósofo inglês Francis Bacon (1561-1626), atribuindo àqueles que detêm conhecimento uma posição de autoridade e influência sobre os demais. Nessa sociedade, espera-se que o jornalista científico "estenda o tapete vermelho" com orgulho para o cientista (LATOURET; WOOLGAR, 1997). Mas é só isso mesmo que um profissional da difusão da ciência faz? E como isso acontece em um ambiente como a Amazônia?

Quando pensamos em Amazônia, o senso comum fala em: lar da maior floresta tropical do planeta, que ostenta uma riqueza inigualável, biodiversidade exuberante, culturas ancestrais vibrantes e, vista internacionalmente, como tendo um papel crucial na regulação do clima global, o que desperta interesses múltiplos. Porém, mesmo com tantos "olhos voltados" para a região, o bioma enfrenta desafios colossais, desde o desmatamento desenfreado e as mudanças climáticas até a exploração predatória de seus recursos e a marginalização das populações tradicionais. Neste contexto, a democratização do conhecimento científico emerge como um pilar fundamental para a construção de um futuro sustentável para a Amazônia. É crucial que as diversas facetas desse bioma colossal, desde sua ecologia complexa até seus povos e culturas, sejam objeto de pesquisas científicas rigorosas e acessíveis a todos.

Nesse cenário, destaca-se o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), parte da estrutura do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Fundado em 1866, o Museu Goeldi se destaca como um centro de excelência em pesquisa científica e desenvolvimento tecnológico na Amazônia. Sua rica história e tradição o colocam como referência internacional no estudo da biodiversidade, cultura e sociedade da região. O Goeldi promove a difusão do conhecimento científico por meio de diversas iniciativas, como exposições, palestras, cursos, oficinas e publicações. A instituição também desenvolve projetos de pesquisa em parceria com universidades, centros de pesquisa e instituições nacionais e internacionais.

Segundo Bueno (1984), a popularização da ciência ou divulgação científica (como aparece mais frequentemente na literatura) pode ser definida como "o uso de processos e recursos técnicos para a comunicação da informação científica e tecnológica ao público em geral." O papel da divulgação científica é orientado por diferentes objetivos, que

podem ser divididos em: educacional, cívico e de mobilização popular (ANANDAKRISHNAN, 1985).

O estágio no MPEG me permitiu vivenciar de perto o processo que leva desde a publicação de uma notícia em meio acadêmico/científico ao momento de decisão de meios, ferramentas e linguagem adequada para sua divulgação com o objetivo de alcançar o público em geral. Ao longo do estágio, tive a oportunidade de participar de diversas atividades, como: produção de conteúdo, que consiste na redação de textos para releases, website, blog e mídias sociais, sempre buscando linguagem clara e acessível para diferentes públicos; criação de materiais, edição de vídeos, produção de infográficos e podcasts, utilizando ferramentas digitais para tornar a ciência mais atraente e engajadora; organização de eventos, participação na logística e divulgação de palestras, oficinas e workshops, promovendo a interação entre o Museu e a comunidade; gestão de redes sociais, criação de posts, interação com o público e análise de métricas, expandindo o alcance da comunicação científica do MPEG.

De acordo com Bueno (2010), a relação entre o pesquisador e o público envolve um sistema complexo de comunicação científica que o autor divide em duas categorias: comunicação científica (CC) e divulgação científica (DC). A diferença entre essas duas categorias é observada em aspectos como o perfil do público, o nível de discurso, a natureza dos canais ou ambientes usados para transmitir a informação e a intenção explícita de cada processo em particular.

A experiência sobre o estágio no Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) me apresentou um panorama dos desafios e oportunidades da comunicação científica na Amazônia. Para aprofundar a compreensão desses desafios, na minha vivência, destaco duas categorias específicas: lacunas digitais: a região amazônica apresenta um histórico de precárias infraestruturas de comunicação, especialmente nas áreas rurais e comunidades ribeirinhas. Isso limita o acesso à internet e a ferramentas digitais, dificultando a busca por informações científicas e a participação em atividades online relacionadas à ciência; falta de senso de aproximação: a comunicação científica tradicional, muitas vezes formal e complexa, pode distanciar o público leigo. É necessário buscar formas de comunicar a ciência de maneira mais próxima e contextualizada,

utilizando linguagens simples, exemplos concretos e histórias que conectem o conhecimento científico à realidade das pessoas.

Concluo apontando que, com base nos meus aprendizados e perspectivas atuais sobre a difusão da ciência, posso destacar uma série de possibilidades para melhorar o alcance do jornalismo científico: investir em infraestrutura de comunicação: ampliar o acesso à internet banda larga e investir em tecnologias digitais que facilitem o acesso à informação científica, especialmente nas áreas mais remotas da região; promover a educação em ciência e tecnologia: incentivar a educação formal e informal em ciência e tecnologia, desde a educação básica até a formação de profissionais especializados em comunicação científica; fortalecer a participação popular: estimular a participação da sociedade civil, comunidades indígenas e grupos tradicionais no processo de comunicação científica, reconhecendo e valorizando seus saberes e experiências; criar conteúdos engajadores e acessíveis: utilizar linguagens simples, recursos visuais atrativos e formatos inovadores para tornar a ciência mais interessante e acessível ao público em geral; promover o diálogo intercultural: valorizar os saberes tradicionais e promover o diálogo entre a ciência oficial e os conhecimentos locais, buscando construir um conhecimento mais abrangente e contextualizado da Amazônia; utilizar ferramentas digitais e plataformas online: explorar o potencial das ferramentas digitais e das plataformas online para alcançar públicos mais amplos e interagir com o público.

### **REFERÊNCIAS**

LATOURETTE, J. A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Releume Dumará, 1997.

BUENO, W. da C. Comunicação Científica e Divulgação Científica: aproximações e rupturas conceituais. *Inf. Inf.*, Londrina, v. 15, n. esp., p. 1 -12, 2010. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/6585>

ANANDAKRISHNAN, M. Planning and popularizing science and technology for development. United Nations. Tycooly Publishing, Oxford, 1985.

CALDAS, G. Divulgação científica e relações de poder. *Informação & Informação*, Londrina, v.15, n. esp., p.31- 42, 2010. DOI: 10.5433/1981-8920.2010v15nesp.p31.1



Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da  
Comunicação

21º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte - REMOTO - 22 a 24/05/2024

ALBAGLI, Sarita. Divulgação científica: informação científica para a cidadania? Ci. Inf.,  
Brasília, v. 25, n. 3, p. 396-404, set./dez. 1996

BUENO, W.C. Jornalismo científico no Brasil: compromissos de uma prática  
dependente. (Tese de doutorado apresentada à Escola de Comunicações e Artes da USP). São  
Paulo, 1984.